

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

MIGUEL MACHADO MELLO GOMES DE BARROS

**AVALIAÇÃO NO JUDÔ:
REFLEXÕES SOBRE O EXAME DE FAIXA**

Porto Alegre
2021

MIGUEL MACHADO MELLO GOMES DE BARROS

**AVALIAÇÃO NO JUDÔ:
REFLEXÕES SOBRE O EXAME DE FAIXA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para obtenção
do título de licenciatura em Educação Física pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Thiago José Leonardi

Porto Alegre
2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho: às minhas avós, Zoé, Otília e Clarinha, por abrirem meu caminho até aqui. Ao meu querido e amado irmão, Guido Mello Alves, modelo, inspiração, amigo e, a partir de agora, colega! A todos aqueles que, como eu, descobriram tardiamente o prazer de praticar esportes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela presença e amparo constantes.

Agradeço ao meu orientador, Thiago José Leonardi, pela parceria, compreensão e imensa paciência nos momentos de dúvida.

Aos *senseis* Alexandre Velly Nunes, Rodrigo Trusz, Gustavo Schumacher e Rafael Gerhardt de Castro pelos ensinamentos e por me fazerem acreditar que o Caminho Gentil também era para mim!

Ao querido amigo, colega e parceiro de treinos, Guilherme Perelló, pelas risadas, pelos tombos e pela mão que me ajudou a levantar para seguir caminhando.

Aos meus amigos pelo apoio nas horas difíceis e por celebrarem comigo as pequenas conquistas e esta enorme vitória.

Ao Judô, que me permitiu crescer como ser humano, como profissional e como pesquisador.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar o principal instrumento de avaliação utilizado no Judô: o exame de faixa. Tal análise será feita com base nas Novas Tendências da Pedagogia do Esporte e nos referenciais por ela propostos (técnico-tático, socioeducativo e histórico-cultural) e é dividida em 5 capítulos. No primeiro, resgataremos as raízes mitológicas e históricas das artes marciais japonesas, bem como a história do país até o começo da era Meiji. No segundo, falaremos sobre o que é o Judô, suas origens no Japão, sua evolução até os dias atuais e sobre sua prática no Brasil e no mundo. No terceiro capítulo, abordaremos o Judô como objeto de aprendizagem, presente em ambientes tais quais escolinhas, clubes e projetos sociais. A discussão proposta estará centrada nos principais métodos de ensino desta arte marcial: o *Kata*, o *Uchi-komi*, o *Nage-komi*, o *Tandoku-renshu* e o *Randori*. No quarto capítulo, o foco recairá sobre a avaliação, primeiramente num âmbito geral, seguida de um recorte centrado na Pedagogia do Esporte e, por fim, no contexto do Judô. Relativamente ao Judô, nossa atenção estará voltada especialmente para o uso de faixas como medidor do progresso do aluno e para a avaliação feita com vistas ao avanço de etapa e aos elementos por ela observados. Finalmente, no quinto capítulo, será discutido se o exame de faixa é um instrumento capaz de avaliar o judoca plenamente e serão sinalizados indicativos sobre a necessidade de criação de outros instrumentos complementares ao exame.

Palavras-chave: Judô, Exame de Faixa, Avaliação, Pedagogia, Avaliação Formativa.

ABSTRACT

This study has as an objective analyze the main evaluation instrument utilized in Judo: the belt exam. Such analysis will be made based on the New Tendencies of Sport Pedagogy and it's proposed referentials (technical-tactical, socio-educational and historic-cultural) and is divided in 5 chapters. In the first, we will recover the mythological and historic roots of Japanese martial arts, as well as the history of the country until the start of the Meiji era. In the second, we will talk about what is Judo, it's origins in Japan, it's evolution until the present day and about it's practice in Brazil and in the world. In the third, we will address Judo as something to learn, present in Judo schools, clubs and social projects. The proposed discussion will be centered around the main teaching methods of this martial art: *Kata*, *Uchi-komi*, *Nage-komi*, *Tandoku-renshu* and *Randori*. In the fourth chapter, the focus will be placed upon evaluation, first in a generalized context, followed by a closer look in Sport Pedagogy, and, finally, in the context of Judo. Relative to Judo, our attention will be especially centered towards the use of belts as an indicator of the student's progress and in the test done to advance to the next level and it's observed elements. Finally, in the fifth chapter, it will be discussed if the belt exam is an instrument capable of fully evaluation the judoka and it will be signaled indicatives about the necessity of creating other instruments complementing the exam.

Keywords: Judo, Belt Exam, Assessment, Pedagogy, Formative Assessment.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo el análisis del principal instrumento de evaluación utilizado en el Judo: el examen de cinturón. Tal análisis se la hará con base en las Nuevas Tendencias de la Pedagogía del Deporte y en los referenciales por ella propuesta (técnico-táctico, socioeducativo e histórico-cultura) y está organizada en 5 capítulos. En el primero de ellos, recobramos las raíces mitológicas e históricas de las artes marciales japonesas, así como la historia del país hasta el comienzo de la era Meiji. En el segundo, hablaremos sobre qué es el Judo, sobre sus orígenes en Japón, su evolución hasta los días actuales y relativamente a su práctica en Brasil y en el mundo. En el tercer capítulo trataremos del Judo como objeto de aprendizaje, presente en ambientes como las escuelas de Judo, clubes y proyectos sociales. La discusión propuesta tendrá su eje en los principales métodos de enseñanza de este arte marcial: el Kata, el Uchi-komi, el Nage-komi, el Tandoku-renshu y el Randori. En el cuarto capítulo el tema tendrá su énfasis relativamente a la evaluación, primeramente en el ámbito general y luego bajo la perspectiva de la Pedagogía del Deporte para, finalmente, centrarse en el contexto del Judo. Relativamente al Judo, nuestra atención se volverá en especial al uso de cinturones como elemento de medida del progreso del alumno y como instrumento de la evaluación hecha con vistas al avance de etapa y a los elementos por ella observados. Finalmente, en el quinto capítulo, se discutirá si el examen de cinturón es un instrumento adecuado a la evaluación plena del practicante y se señalarán indicativos sobre la necesidad de creación de otros instrumentos complementarios a dicho examen.

Palabras clave: Judo, Examen de Cinturón, Pedagogía, Evaluación Formativa

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Criação da ilha de Onogoro por Izanagi e Izanami, por Kobayashi Eitaku, 1885	11
Figura 2 - Samurai do período Sengoku	12
Figura 3 - Jigoro Kano, aos 11 anos de idade, à direita	16
Figura 4 - Jigoro Kano, à direita, aos 20 anos	17
Figura 5 - Kata Guruma, esquema do golpe	17
Figura 6 - Judô, ou o “caminho gentil” – Kanji	19
Figura 7 - Entrada do templo Eishoji, primeira sede da Kodokan, em Tóquio, fundada em 1882	20
Figura 8 - Judogi (Uniforme de Judô) e seu criador, Jigoro Kano	21
Figura 9 - Preceitos básicos do Judô: “uso do poder com a máxima eficiência” (à esquerda) e “Prosperidade mútua” (à direita)	22
Figura 10 - Mitsuyo Maeda (esquerda) e Soishiro Satake	22
Figura 11 - Técnicas de amortecimento de queda	25
Figura 12 - O-soto-gari (Grande gancho externo)	26
Figura 13 - Harai-goshi (Varredura com o quadril)	26
Figura 14 - Uki-otoshi (Queda flutuante)	26
Figura 15 - Tomoe-nage (Arremesso circular)	27
Figura 16 - Yoko-guruma (Giro lateral)	27
Figura 17 - Kesa-gatame (Imobilização prendendo pescoço e braço)	27
Figura 18 - Hadaka-jime (Estrangulamento com a mão nua)	28
Figura 19 - Ude-hishigi-waki-gatame (Chave de braço prendendo com a axila)	28
Figura 20- Ikkyo (1º Grupo)	29
Figura 21 - Nikyo (2º Grupo)	29
Figura 22 - Sankyo (3º Grupo)	30
Figura 23 - Yonkyo (4º Grupo)	30
Figura 24 - Gokyo (5º Grupo)	31
Figura 25 - Avaliação Liberal X Avaliação Libertadora - quadro comparativo elaborado pelo autor	37
Figura 26 - Sequência das faixas no Brasil - quadro elaborado pelo autor	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Revisão de literatura	9
2 A HISTÓRIA DO JAPÃO E DA ARTE DE LUTAR	10
2.1 As raízes sagradas das artes marciais japonesas	10
2.2 A origem histórica das artes marciais no Japão	12
3 O JUDÔ	15
3.1 O Caminho de Kano	15
3.2 O Caminho da Educação	18
3.3 A difusão do Caminho	22
4 O ENSINO DO JUDÔ	24
4.1 O que há para aprender	24
4.1.1 <i>Ukemis</i>	24
4.1.2 - <i>Kuzushi, Tsukuri e Kake</i>	25
4.1.3 - A classificação das técnicas	25
4.1.4 - O <i>Gokyo</i>	28
4.2 - As maneiras de ensinar	31
4.2.1 Os métodos sem oposição	31
4.2.2 Os métodos com oposição	33
5 A AVALIAÇÃO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA	35
5.1 A avaliação no esporte	38
5.2 Avaliação no Judô	40
6 REFLEXÕES SOBRE O JUDÔ	42
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47

1 INTRODUÇÃO

O Judô é uma modalidade olímpica de combate na qual seus praticantes têm seus níveis sinalizados por meio de faixas de diferentes cores. Para avançar de nível, o praticante deve realizar uma prova chamada Exame de Faixa, em que, dentre outras exigências, deve demonstrar o domínio de técnicas específicas para cada nível em um colega que não lhe ofereça resistência durante a exibição feita, à diferença do que aconteceria numa situação de combate ou luta. Em vista disso, o objetivo desta pesquisa é propor uma reflexão sobre a utilização do Exame de Faixa *dangai* (da faixa branca até a marrom) como instrumento avaliativo da capacidade de luta do praticante de Judô desses níveis. O estudo mostra-se relevante, posto que a literatura existente sobre o assunto pouco refere sobre o assunto, tão somente mencionando-o de passagem como um elemento motivador para os alunos ao final de cada ano de treino (período médio de permanência em cada nível ou faixa). Com base nisso, partiu-se para a elaboração de um ensaio teórico com o intuito de refletir sobre o exame de faixa no Judô.

A metodologia empregada para a presente análise consistirá em uma revisão bibliográfica e documental sobre as raízes mitológicas e históricas das artes marciais japonesas, a trajetória de Jigoro Kano até a criação do Judô, que posteriormente difundiu-se pelo mundo como modalidade esportiva, os conteúdos e métodos de ensino dessa prática. Na sequência, será feita uma revisão teórica a respeito da avaliação como ferramenta educacional, sua aplicação no âmbito esportivo e, em especial, no Judô. Finalmente, examinaremos as implicações do exame de faixa *dangai* a partir da perspectiva da avaliação formativa.

1.1 Revisão de literatura

Foram feitas buscas nas bases de dados Scielo, Pubmed, Google Scholar e Archives of Budo, com as palavras chave “Judo”, “Judô”, “exame de faixa” e “belt exam”, mas não foram encontrados estudos que abordassem especificamente o exame de faixa. O exame de faixa era apenas mencionado de forma passageira, como uma ocasião motivadora para os alunos, não havendo estudos mais aprofundados sobre seu funcionamento como instrumento avaliativo.

2 A HISTÓRIA DO JAPÃO E DA ARTE DE LUTAR

O Japão é um país detentor de uma rica cultura. Seus mitos, preservados por gerações, contam diversas histórias, como a origem do país, fruto de intervenção divina, e o surgimento de artes marciais, resultado do choque de deuses rivais pela soberania da terra. Já no tempo histórico, as artes marciais foram muito utilizadas durante as várias guerras que ocorreram no Japão, mas, conforme o país modernizava, perdiam destaque, assim como seus praticantes. Delas, as disputas territoriais, nasceria o Judô.

2.1 As raízes sagradas das artes marciais japonesas

Descendo de uma ponte de arco-íris, o casal de deuses criadores, Izanagi e Izanami, agitou o oceano primordial com uma lança, e das águas turbulentas criaram a primeira ilha do Japão, Onogoro. Após verem aves acasalando, ambos sentiram-se atraídos um pelo outro. Em Onogoro, os dois caminharam ao redor de um pilar, um de cada lado e, ao se encontrarem, fizeram amor. Como resultado, Izanami deu à luz todas as ilhas que compõem o arquipélago japonês e deuses do mar, dos ventos, das montanhas e, finalmente, do fogo, Hi-no-Kagutsuchi, que, com suas chamas intensas, queimou Izanami e a matou. Enfurecido pela morte de sua mulher, Izanagi cortou a cabeça do deus do fogo, e de seu sangue nasceram mais deuses, em especial, Take-Mikazuchi, deus dos trovões. Izanagi, então, decide descer ao Yomi, o mundo dos mortos, para trazer Izanami de volta à vida. Passando o Yomotsu-Hirasaka, a fronteira que separa os mundos dos vivos e dos mortos, Izanagi desbravou a escuridão do Yomi e pediu que Izanami voltasse com ele. Ela prometeu implorar aos deuses que governavam aquele mundo para que pudesse retornar, sob a condição de que Izanagi não a seguisse. Tomado pela curiosidade, ele a seguiu com uma tocha e acabou vendo-a, agora com um corpo apodrecido e repleto de vermes. Enfurecida pelo marido ter quebrado sua promessa, Izanami perseguiu-o pelo Yomi, auxiliada pelas criaturas que ali viviam. Izanagi conseguiu fugir e bloqueou a entrada do mundo dos mortos com uma pedra gigante. Ela exigiu que a pedra fosse removida ou iria matar 1000 humanos por dia. Em resposta, Izanagi disse que faria com que 1500 crianças nascessem por dia. Coberto de impurezas advindas do mundo inferior, Izanagi foi num rio para purificar-se. Ao lavar seu olho esquerdo, nasceu Amaterasu, deusa do Sol. Lavando o olho direito, surgiu

Tsukiyomi, deus da Lua. Finalmente, ao lavar seu nariz, o deus das tempestades, Susano'o, veio à vida. Esse é o mito de criação do Japão, conforme contado no *Kojiki* (Registro de Assuntos Antigos) e no *Nihon Shoki* (Crônicas do Japão) (WILKINSON; PHILIP, 2009).

Figura 1 - Criação da ilha de Onogoro por Izanagi e Izanami, por Kobayashi Eitaku, 1885.



Fonte: WILKINSON; PHILIP (2009, p.181)

Vários outros mitos estão contidos nesses dois livros, às vezes com leves diferenças, como a redenção de Susano'o após profanar o templo de Amaterasu, matando a temível Yamata-no-Orochi, uma serpente de 8 cabeças (WILKINSON; PHILIP, 2009). Dentre tantas histórias fantásticas, há uma que quero destacar: o *Kuni-Yuzuri* (Transferência da Terra), que conta como a soberania do Japão passou dos *Kunitsukami* (entidades terrestres) para os *Amatsukami* (entidades celestiais), tidos como ancestrais da família imperial. Um episódio marcante é o confronto que ocorreu na costa de Inasa, na terra de Izumo, entre Take-Mikazuchi, deus do trovão, e Take-Minakata, deus do vento, valendo o domínio da terra inteira. Ambos eram detentores de força descomunal, tanto que Take-Minakata era capaz de segurar enormes rochas com apenas um dedo, com objetivo de intimidar seu adversário. As divindades seguraram uma no braço da outra, puxando e empurrando o oponente

com tudo que tinham. Take-Mikazuchi saiu vencedor, ao arremessar seu rival no chão, provando ser o mais forte. Esse embate brutal é entendido como a primeira luta de Sumô da qual se tem registro (PATE, 2013). Como se pode evidenciar, desde o período mitológico, a história do Japão moldou-se através de lutas, batalhas e guerras.

2.2 A origem histórica das artes marciais no Japão

Fora do ciclo mitológico e dentro do contexto histórico, o Japão passou por diversos períodos e eras, cada qual identificado por um nome. Aqui, vamos falar de um período em especial: o período Sengoku (estados em guerra, de 1467 a 1615), marcado por constantes guerras civis (SANTOS, 2011). Apesar de o imperador do Japão ainda ser respeitado, ele detinha pouco poder de fato, este nas mãos do xogum, um nobre que equivaleria a um general. Portanto, o governo era denominado de xogunato. Nos anos que antecedem o período Sengoku, o xogunato estava perdendo força, o que levou vários *daimyos* (lordes locais) a lutarem pelo controle do país.

Figura 2 - Samurai do período Sengoku.



Fonte: MORIMIYA

A maior batalha desse período, e da história do Japão, foi a de Sekigahara, em 1600. Lutando nela estavam figuras conhecidas como samurais. Os samurais possuíam seu próprio código moral, denominado de *Bushido* (similar ao código de

honra dos cavaleiros medievais) e eram guerreiros proficientes na arte do manejo da espada, da cavalaria, do arco e flecha e também do *Ju-jutsu* (TRUSZ, 2018). O *Ju-jutsu* era uma arte marcial que envolvia o uso de técnicas de projeção, estrangulamentos e chaves de articulação, o que permitia ao samurai lutar mesmo desarmado. A arte também contava com técnicas de amortecimento de quedas, úteis para evitar que se machucassem ao cair do cavalo usando suas pesadas armaduras. Com o fim do confronto em Sekigahara, Ieyasu Tokugawa estabeleceu-se como xogum e moveu a capital do país para Edo (atual Tóquio), nome também do período que seguiu: o período Edo, marcado por crescimento econômico, paz e políticas internacionais isolacionistas.

Durante 214 anos do xogunato Tokugawa, o Japão operava sob uma política internacional chamada *Sakoku* (país fechado), que limitava duramente relações e comércio com outros países (SANTOS, 2011). Porém, devido à pressão de potências como os Estados Unidos, o Japão viu-se obrigado a abrir suas fronteiras, marcando o fim do xogunato, num evento batizado de Restauração Meiji, que restabeleceu o imperador como detentor do poder político. Este novo período, o período Meiji¹, trouxe consigo mudanças na estrutura social do país, em especial, uma reforma militar. Os samurais foram perdendo relevância na sociedade nipônica. Eles já não eram mais os únicos a poderem portar armas, antigo privilégio que diferenciava sua casta das dos camponeses, como também não podiam mais andar com espadas para mostrar seu status, motivo de grande insatisfação.

¹ Um exemplo de obra ambientada nessa época é o mangá *Rurouni Kenshin* (1994-1999), de autoria de Nobuhiro Watsuki e publicado na revista *Weekly Shonen Jump*

Esse descontentamento gerou revoltas de diversos samurais contra o governo, com a principal sendo a Rebelião de Satsuma, que foi rapidamente contida pelo exército japonês, que utilizou, principalmente, armas e táticas ocidentais². Embora os samurais deixassem seu papel de protagonistas na sociedade japonesa, um de seus conhecimentos perdurou: o Ju-jutsu, que era agora a principal arte marcial utilizada pela Polícia e pela Marinha, tornando-se um conhecimento especializado, detido por algumas poucas pessoas. Porém, em 1882, um jovem rapaz chamado Jigoro Kano iria criar algo novo a partir do Ju-jutsu: o Judô. Mas o que é o Judô?

² A propósito desse fato, o filme *O Último Samurai* (2001), dirigido por Edward Zwick e estrelado por Tom Cruise e Ken Watanabe, é fortemente inspirado na Rebelião de Satsuma.

3 O JUDÔ

Apesar de o Sumô ter surgido do confronto de divindades pelo domínio da terra (versão mitológica) e de o *Ju-jutsu* ter sido usado principalmente para derramamento de sangue nas diversas guerras que ocorreram na história do Japão, o Judô difere deles tanto em origem quanto em propósito. Ao contrário das duas artes marciais anteriores, o Judô surgiu da imaginação de um pedagogo, fugindo de propósitos belicosos e sendo uma ferramenta em prol da educação, e isso fez toda a diferença. Ao pensar no Judô como um instrumento formativo, Kano fez uma aproximação entre a cultura material e espiritual da sociedade japonesa do seu tempo, criando um novo modo de pensar e agir, que, ao respeitar o antigo, abriu-se ao novo. Tal visão é ratificada por Luckesi (1992), quando afirma que a educação

“(...) é uma das mediações pelas quais o indivíduo recebe a paideia - a herança cultural de uma sociedade específica - criando o seu modo de pensar e agir; criando um *habitus*, um modo permanente e determinado de perceber, sentir, pensar e agir, que, ao mesmo tempo, assemelha-se e desassemelha-se à paideia; assemelha-se a ela, porque a reproduz, e a ela se desassemelha, por renová-la. (LUCKESI, 1992, p. 12)

E esse foi o papel de Kano: inovar através da educação esportiva, respeitando a tradição e pavimentando o “Caminho gentil”.

3.1 O Caminho de Kano

Para falar da origem do Judô, é preciso entender a história de Jigoro Kano. Terceiro filho de uma família de fabricantes de saquê, nasceu no dia 28 de outubro de 1860, na cidade de Mikage, e mudou-se para Tóquio em 1870, pouco depois de sua mãe falecer. Seu pai, Jirosaku, queria proporcionar ao filho uma educação de qualidade, então o matriculou em escolas particulares. Estudioso e curioso sobre o mundo além das fronteiras recém reabertas do Japão, o jovem tinha facilidade para idiomas estrangeiros como o Inglês. Entretanto, a vida escolar de Kano era tudo, menos tranquila. Refém de um corpo baixo e franzino, o garoto era vítima frequente de bullying por parte de colegas mais velhos e maiores que, muitas vezes, batiam nele. Cansado dos abusos que sofria, decidiu aprender a defender-se. Graças a um

amigo da família, tomou conhecimento de uma arte marcial da época dos samurais que, supostamente, permitia a um homem menor derrotar outro maior e mais forte: o *Ju-jutsu*. Mesmo com as objeções do pai, que considerava tal prática como antiquada e perigosa, Jigoro iniciou sua busca por professores de *Ju-jutsu* (WATSON, 2008).

Figura 3 - Jigoro Kano, aos 11 anos de idade, à direita



Fonte: IFJ (INTERNATIONAL JUDO FEDERATION)

Em 1877, enquanto frequentava a Universidade Imperial de Tóquio, Jigoro encontrou alguém para ensinar-lhe *Ju-jutsu*: um homem chamado Hachinosuke Fukuda, praticante do estilo *Tenjin Shinyo*, que dava ênfase para técnicas de estrangulamentos, chaves de articulações e imobilizações, com menor foco para as de projeção (KANO, 2018). O treinamento sob Hachinosuke era difícil, pois seu método consistia em derrubar o aluno com uma técnica específica até que ele compreendesse como ela funcionava; somente então daria explicações sobre detalhes, como a maneira de posicionar as pernas e de puxar os braços, conforme conta Kano (2018) sobre a vez em que foi arremessado com o que hoje conhecemos por *Sumi-Gaeshi* (Reversão Diagonal). Tal metodologia, praticamente não dando atenção para a teoria por trás da técnica e priorizando repetições até que o aluno percebesse “na marra” como o gesto funcionava, era comum na época, o que incomodava muito Jigoro, que, motivado por sua natureza estudiosa, queria entender detalhadamente os princípios dos golpes.

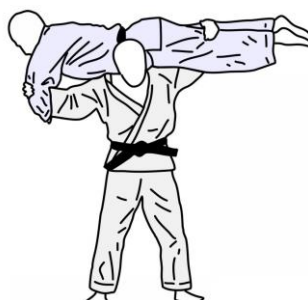
Figura 4 - Jigoro Kano, à direita, aos 20 anos



Fonte: IJF (INTERNATIONAL JUDO FEDERATION)

Durante os treinamentos, Kano lutava frequentemente contra um veterano chamado Kanekichi Fukushima. Apesar de ter ficado mais hábil, Jigoro ainda perdia para seu oponente, que era alto e muito forte. Como suas técnicas de *Ju-jutsu* não surtiam efeito, pensou em experimentar movimentos do Sumô, pedindo a um ex-*Rikishi*³ que trabalhava em seu dormitório para ensiná-lo, mas não obteve sucesso contra o adversário. Na busca por superar o rival, Kano foi estudar na biblioteca, lendo livros sobre diferentes assuntos, como Anatomia e Luta Livre, na esperança de achar algo que o ajudasse. Na luta seguinte contra Kanekichi, Kano surpreendeu o opositor, agarrando-lhe as pernas e, então, arremessando-o sobre seus próprios ombros, movimento que aprendeu da Luta Livre e que foi batizado depois de *Kata-Guruma* (Giro sobre o Ombro) (WATSON, 2008). Graças à sua mente criativa, ele começou a ir além dos limites do *Ju-jutsu*.

Figura 5 - Kata Guruma, esquema do golpe.



Fonte: O JUDOCA

³ Nome dado para praticantes de Sumô, significando “competidor”

Com a morte de Fukuda, Jigoro continuou seu treinamento com Masamoto Iso, ainda no estilo *Tenjin Shinyo*. Depois do falecimento de Iso, Kano aprendeu outro estilo de *Ju-jutsu*, o *Kito*, sob a tutela de Tsunetoshi Iikubo. Ao contrário do *Tenjin Shinyo*, o estilo *Kito* tinha como ênfase técnicas de arremesso, em detrimento das de imobilização, estrangulamento e chaves de articulação. As diferenças nas formas de ensino e a falta de clareza sobre que lógica regia o *Ju-jutsu* faziam com que Kano se sentisse perdido (KANO, 2017). Então, após refletir e estudar bastante, encontrou aquilo que considerava o princípio único que unia todos os estilos de *Ju-jutsu*: a necessidade de usar a menor quantidade possível de energia mental e física de um modo eficiente. Jigoro revisou novamente os ensinamentos dos dois estilos, mantendo os pontos fortes de ambos, descartando o que considerava não seguir o princípio guia e substituindo por técnicas mais adequadas ao que tinha em mente (KANO, 2017). Da curiosidade, do estudo e da imaginação de Jigoro Kano surgiu, finalmente, o Judô.

3.2 O Caminho da Educação

Enquanto treinava, Jigoro Kano percebeu que o *Ju-jutsu* possuía um enorme potencial educacional, embora tenha sido empregado com o intuito de ferir e matar inimigos em combates. Ele acreditava que, com alguns ajustes, o *Ju-jutsu* poderia servir como um tipo de educação física, intelectual e moral, por exigir do corpo diversos tipos de movimento, a utilização da inteligência, truques e estratégias durante a luta e por inculcar valores como a coragem (KANO 2018). Embora a criação de Jigoro, o Judô, fosse, numa perspectiva prática, a junção de seletas técnicas dos diferentes estilos de *Ju-jutsu* que existiam na época, ela era antes de tudo uma ferramenta pedagógica, que objetivava, através do desenvolvimento físico, intelectual e moral, a formação integral do ser humano.

A escolha de Jigoro por um nome diferente para essa prática não foi acidental. Tanto a palavra *Ju-jutsu* quanto a palavra Judô são escritas com dois ideogramas. Ambas contêm o ideograma *Ju*, que significa "gentileza", "suavidade" ou "ceder passagem"; *Jutsu* significa "arte" ou "prática", enquanto *Do* quer dizer "caminho" ou "princípio". Portanto, é possível traduzir *Ju-jutsu* como "arte gentil", e Judô, como "caminho gentil".

Figura 6 - Judô, ou o “caminho gentil” - Kanji



Fonte: IJF (INTERNATIONAL JUDO FEDERATION)

O uso da palavra “gentil” pode parecer estranho ao descrever uma arte marcial, já que combates implicam violência, mas Kano (2017) explicita bem o conceito de *Ju*, ao dar o seguinte exemplo:

“... imaginemos que um homem está na minha frente e sua força equivale a dez pontos, enquanto a minha força é de apenas sete pontos. Se ele me empurrar com toda a sua força, posso ter certeza de que serei vencido, mesmo eu resistindo com toda a minha força. Isso é opor força com força. Mas, se em vez de me opor a ele, eu ceder espaço na mesma extensão em que ele me empurrou, recuando meu corpo e mantendo o equilíbrio, meu oponente perderá o equilíbrio. Enfraquecido por essa posição desajeitada, ele será incapaz de usar toda a sua força, e então terá a sua força diminuída para três pontos. Como eu mantenho meu equilíbrio, minha força continua sendo de sete pontos. Nesse momento, eu estou mais forte que o oponente, e posso derrotá-lo, usando apenas metade da minha força e guardando a outra metade para outra necessidade.” (KANO, 2017, p.20-21)

A expressão *Ju yoku go wo seisu*, que pode ser traduzida como “a gentileza controla a dureza”, é usada frequentemente por praticantes e não praticantes para atestar a fama do *Ju-jutsu* como a arte marcial que permite a uma pessoa mais fraca derrotar outra mais forte.

Apesar de ambas terem presente o *Ju* no nome, seu segundo ideograma evidencia as diferenças no propósito de cada uma delas. O *Jutsu* está voltado mais para a habilidade, para o gesto técnico, para o aspecto procedimental. O *Do*, por sua vez, possui uma dimensão mais filosófica, sendo um caminho para trilhar ou um modo de vida a ser buscado. Portanto, a meta principal do Judô é buscar o *Do*,

enquanto o *Jutsu* é algo secundário (KANO, 2018). Para poder ensinar o Judô, Jigoro fundou, em 1882, a *Kodokan*.

Figura 7 - Entrada do templo Eishoji , primeira sede da Kodokan, em Tóquio, fundada em 1882.



Fonte: IJF (INTERNATIONAL JUDO FEDERATION)

O berço do Judô foi o templo budista de *Eishoji*, localizado na cidade de Tóquio. Ele foi a primeira sede da *Kodokan*, ou a “escola para o estudo do Caminho”. Em pouco tempo, o número de alunos aumentou, e rapidamente o Judô suplantou o *Ju-jutsu* em popularidade. Isso ocorreu, pois o Judô tinha um cuidado pedagógico muito bem definido, a começar pelas vestimentas, passando pelo quê fazer e como fazer.

As roupas utilizadas no *Ju-jutsu* deixavam expostos os cotovelos, joelhos e tornozelos, que ficavam machucados com as sucessivas quedas nos tatames (WATSON, 2008), então foi introduzido o *Judogi* (uniforme de judô), composto por um casaco, calça e faixa.

Figura 8 - Judogi (Uniforme de Judô) e seu criador, Jigoro Kano



Fonte: IJF (INTERNATIONAL JUDO FEDERATION)

Visando ainda mais a integridade física dos praticantes, a primeira coisa ensinada eram os *Ukemis* (técnicas de amortecimento de queda), essenciais para a segurança. Somente após dominar esse fundamento inicial, o aluno aprendia os *Nage-waza* (técnicas de arremesso).

As inovações do Judô não se restringiam apenas a roupas e sequências de ensino de técnicas. Ele também tinha inovações filosóficas, encontradas nestes dois preceitos: *Seiryoku Zenyo* e *Jita Kyoei*. O primeiro significa “uso do poder com a máxima eficiência”, com “poder” fazendo alusão tanto à energia física quanto mental. Para manejar essas energias de maneira eficaz, é necessário utilizar técnicas ou métodos eficientes para tal. O segundo quer dizer “prosperidade mútua”. Durante a convivência, seja no dojô (local de treino) ou na sociedade, há momentos em que não podemos solucionar sozinhos os problemas, necessitando da ajuda do outro. Através dessa ajuda, ambos crescem de um modo que seria impossível isoladamente (KANO, 2018). Kano acreditava que a implementação do *Seiryoku Zenyo* e do *Jita Kyoei* ajudariam na criação de uma sociedade melhor. Ele queria que o Judô ultrapassasse as fronteiras do Japão, como troca por todas as coisas que outras nações lhe haviam ensinado (KANO, 2018). Talvez não imaginasse na época, mas o Judô não apenas se espalhou pelo mundo, como também acabou virando parte dos Jogos Olímpicos.

Figura 9 - Preceitos básicos do Judô: “uso do poder com a máxima eficiência” (à esquerda) e “Prosperidade mútua” (à direita)



Fonte: IJF (INTERNATIONAL JUDO FEDERATION)

3.3 A difusão do Caminho

No início do século XX, o Japão viveu um intenso fluxo migratório, devido a causas fundamentalmente econômicas, o que levou grande número de japoneses a deixar o país em busca de melhores condições de vida, longe de sua terra natal. Um destino em especial marcou a expansão do Judô através dessa onda migratória: o Brasil. Dois homens, Mitsuyo Maeda e Soishiro Satake, eram representantes da *Kodokan* e entraram no país por Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 1914.

Figura 10 - Mitsuyo Maeda (esquerda) e Soishiro Satake



Fonte: WIKIPÉDIA

Os dois judocas e outros lutadores japoneses viajavam pelas terras brasileiras, demonstrando suas técnicas e desafiando pessoas para combates, com

o intuito de atestar a superioridade de seu estilo, que, no caso de Maeda, dono da alcunha de “Conde Koma”, e de Satake, era o Judô. Mitsuyo acabaria radicando-se em Belém do Pará, e Soichiro, por sua vez, em Manaus (NUNES; RUBIO, 2012). Nas colônias japonesas, o Judô era uma das formas de lazer e também de preservar a cultura nipônica, o que explica seu acesso restrito para brasileiros, que somente depois puderam aprendê-lo. Dentre os tantos brasileiros dessa época que tiveram contato com o Judô estava Carlos Gracie. Após ver uma exibição de Maeda no Pará, decidiu aprender Judô, e o Conde Koma aceitou-o como pupilo. Dos ensinamentos de Maeda, Carlos e seus irmãos criaram uma nova escola, com maior ênfase na luta de solo, o Jiu-Jitsu Brasileiro (BJJ, sigla do termo em inglês), que não tinha o mesmo elemento educacional do Judô, com foco quase exclusivamente no combate (NUNES; RUBIO, 2012).

Nos dias de hoje, o Judô deixou de ser apenas uma ferramenta pedagógica, tendo sido elevado ao patamar de esporte olímpico, com praticantes e aficionados pelo mundo todo. No Brasil, a paixão pelo Judô é resultado de um investimento na prática dessa modalidade esportiva, rendendo medalhas em quase todas as edições dos Jogos Olímpicos, o que só inspira novas gerações a vestirem o *Judogi* e a pisar no tatame. O mesmo movimento de aceitação é verificado em outras nações, chegando ao número de de 207 países filiados à Federação Internacional de Judô (IJF), testemunho da popularidade e da adesão ao Judô em âmbito mundial, seja como esporte, seja como instrumento pedagógico. Entretanto, esse prestígio não foi obra do acaso. A existência de uma metodologia clara, objetiva, evidenciando o propósito de cada ação técnica, garantiu que o Judô *Kodokan* sobrevivesse ao teste do tempo, indo além dos muros do templo de *Eishoji*.

4 O ENSINO DO JUDÔ

A era *Meiji* representou o começo da modernização do Japão (SANTOS, 2011). Ideias e crenças incompatíveis com os novos tempos estavam sendo deixadas para trás, com outras tomando seu lugar. Mesmo sendo um produto dessa época, o Judô não prescindiu de suas raízes oriundas do *Ju-jutsu*, já que Jigoro Kano considerava importante preservá-las como herança cultural (KANO, 2018). A partir delas, sistematizou métodos de ensino que são usados até os dias de hoje em clubes, escolinhas e projetos sociais, e também organizou uma sequência pedagógica para facilitar o aprendizado de seus alunos, algo antes inexistente. Graças a essas inovações pedagógicas, milhões de pessoas puderam começar a trilhar o “Caminho gentil”.

4.1 O que há para aprender

A partir dessa perspectiva, que procurou integrar fazeres antigos e aportes colhidos de diferentes áreas do conhecimento, Kano organizou de maneira lógica e estruturada em passos o conhecimento necessário para que fosse possível chegar a uma proficiência prática e conceitual no Judô. Para isso, começou por excluir aquilo que julgava ser perigoso e que não seguisse o preceito *Seiryoku Zenyo*, priorizando a segurança do judoca.

4.1.1 *Ukemis*

Os *Ukemis* são técnicas de amortecimento de quedas. Como as armaduras dos samurais eram muito pesadas, eles poderiam ferir-se gravemente, caso caíssem do cavalo; então, foram desenvolvidas maneiras de suavizar o impacto dessas quedas, se acaso chegassem a ocorrer. No ensino do Judô, eles são importantes para que o aluno não se machuque após receber um golpe e cair no tatame. Tradicionalmente, é o primeiro fundamento ensinado, sendo considerado o mais importante (TAKAHASHI, 2005). Existem 4 tipos de *Ukemis* (figura 12), que são:

- *Ushiro Ukemi* (Amortecimento de queda para trás)
- *Yoko Ukemi* (Amortecimento de queda lateral)
- *Mae Ukemi* (Amortecimento de queda frontal)

- *Zenpo Kaiten Ukemi* (Amortecimento de queda com rolamento)

Figura 11 - Técnicas de amortecimento de queda



Fonte: SEMENTES DO FUTURO DO JUDÔ

4.1.2 - *Kuzushi*, *Tsukuri* e *Take*

O processo de projeção do oponente é comumente separado em três etapas, visando a utilização da força de modo eficaz. Na primeira, deve-se desequilibrar o oponente, empurrando-o ou puxando-o com o corpo todo (KANO, 2017). O ato de desequilibrar é chamado de *Kuzushi*. É possível realizar o *Kuzushi* em oito direções: para frente, para trás, para a esquerda, para a direita, nas duas diagonais para trás e nas duas diagonais para frente. A etapa seguinte é denominada de *Tsukuri*, em que o judoca se posiciona rapidamente para arremessar a outra pessoa. A fase final chama-se *Take*, que consiste no arremesso propriamente dito. Se o *Kuzushi* e o *Tsukuri* tiverem sido bem executados, o *Take* poderá ser feito sem maiores dificuldades (KANO, 2017).

4.1.3 - A classificação das técnicas

As técnicas de Judô possuem três categorias, cada uma tendo subdivisões. Elas são, conforme Kano (2017):

- *Nage-waza* (técnicas de projeção)
- *Katame-waza* (técnicas de aprisionamento ou agarramento) ou *Ne-waza* (técnicas de solo)

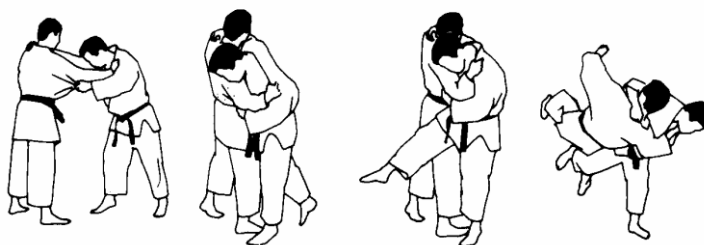
- *Atemi-waza* (técnicas de ataques contundentes)

As *Nage-waza* são separadas em *Tachi-waza* (técnicas em pé) e *Sutemi-waza* (técnicas de sacrifício). Dentro das *Tachi-waza*, estão as:

- *Ashi-waza* (técnicas de pé e perna)

Figura 12 - O-soto-gari (Grande gancho externo)

O-SOTO-GARI

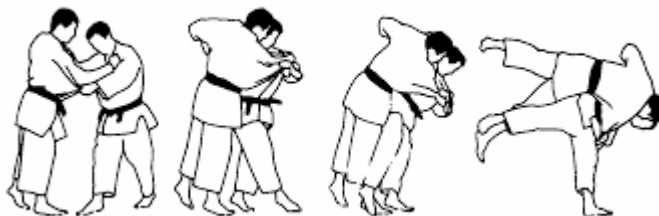


Fonte: JUDO MODO DE USAR

- *Koshi-waza* (técnicas de quadril)

Figura 13 - Harai-goshi (Varredura com o quadril)

HARAI-GOSHI



Fonte: JUDO MODO DE USAR

- *Te-waza* (técnicas de mão)

Figura 14 - Uki-otoshi (Queda flutuante)



Fonte: JUDO MODO DE USAR

As *Sutemi-waza*, por sua vez, são divididas em:

- *Ma-sutemi-waza* (técnicas de sacrifício frontal)

Figura 15 - Tomoe-nage (Arremesso circular)
Tomoe-Nage



Fonte: JUDO MODO DE USAR

- *Yoko-sutemi-waza* (técnicas de sacrifício lateral)

Figura 16 - Yoko-guruma (Giro lateral)

Yoko-Guruma



Fonte: CMAC-JUDO

As técnicas compreendidas no *Tachi-waza* são classificadas conforme o protagonismo exercido por uma parte do corpo em especial quando da execução do golpe, enquanto as *Sutemi-waza* possuem esse nome, posto que o judoca “sacrifica” suas costas ou sua lateral para jogar o adversário ao solo.

As *Katame-waza* também são divididas em três subgrupos. Eles são:

- *Osae-komi-waza* (técnicas de imobilização)

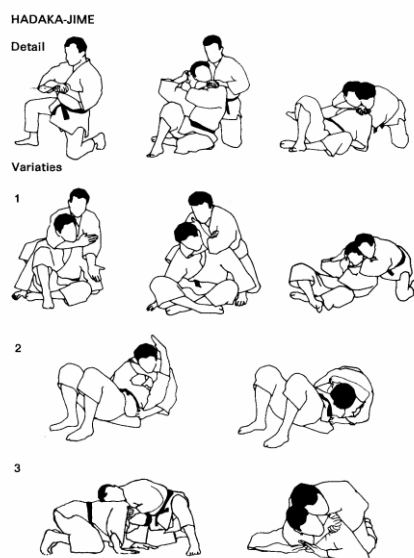
Figura 17 - Kesa-gatame (Imobilização prendendo pescoço e braço)



Fonte: JUDO MODO DE USAR

- *Shime-waza* (técnicas de estrangulamento)

Figura 18 - Hadaka-jime (Estrangulamento com a mão nua)



Fonte: JUDO MODO DE USAR

- *Kansetsu-waza* (técnicas de chave de articulação)

Figura 19 - Ude-hishigi-waki-gatame (Chave de braço prendendo com a axila)



Fonte: JUDO MODO DE USAR

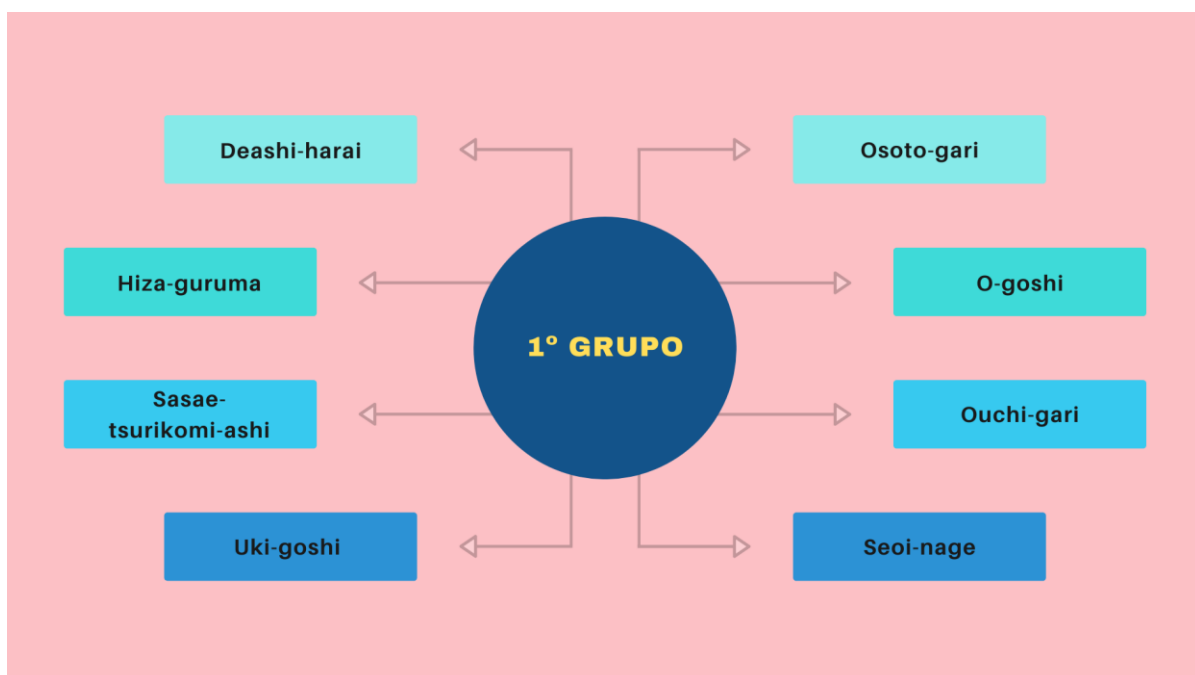
As *Atemi-waza* são utilizadas somente para a execução de *Katas* (formas), sendo proibidas em competições e em treinos.

4.1.4 - O *Gokyo*

Para facilitar o ensino das *Nage-waza*, Kano estabeleceu, em 1895, o *Gokyo*, cinco grupos de oito técnicas cada, totalizando quarenta (KANO, 2017). Esses grupos servem como uma sequência pedagógica: as técnicas do primeiro grupo têm um menor grau de dificuldade do que as do segundo grupo, e assim por diante. O *Gokyo* foi revisto em 1920, quando dezessete técnicas novas passaram a ser

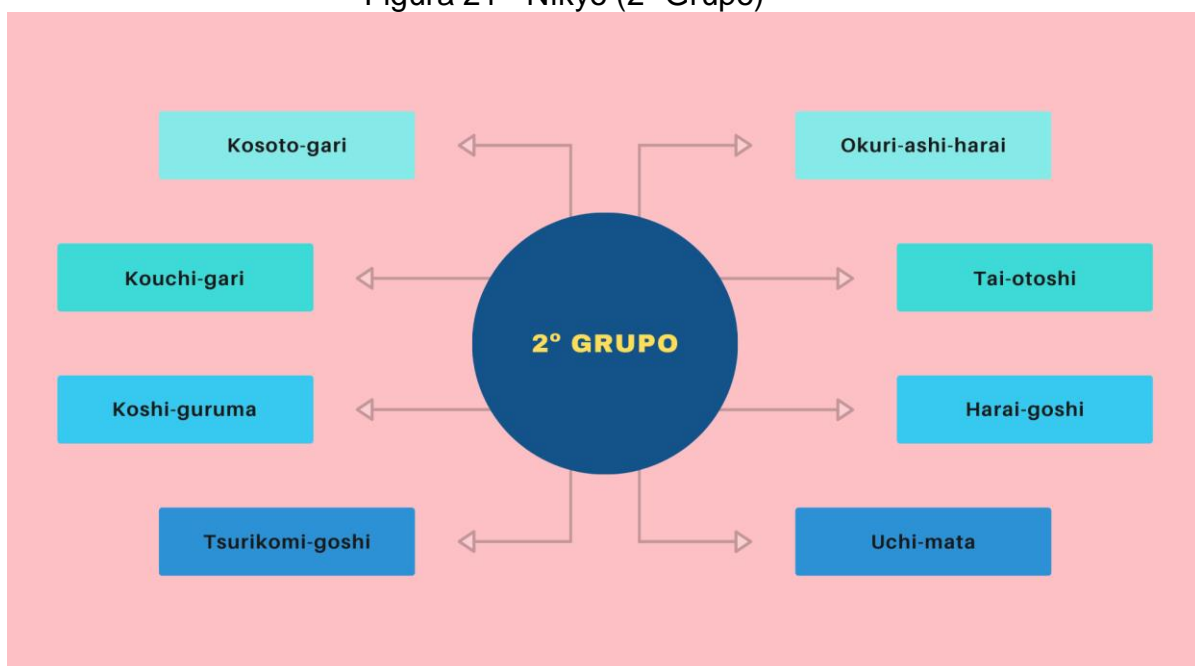
reconhecidas pela *Kodokan* como fazendo parte do Judô. Essas técnicas são chamadas de *Shinmeisho no Waza* (KANO, 2017), ou simplesmente *extra-gokyo*⁴.

Figura 20 - Ikkyo (1º Grupo)



Fonte: Elaborado pelo autor

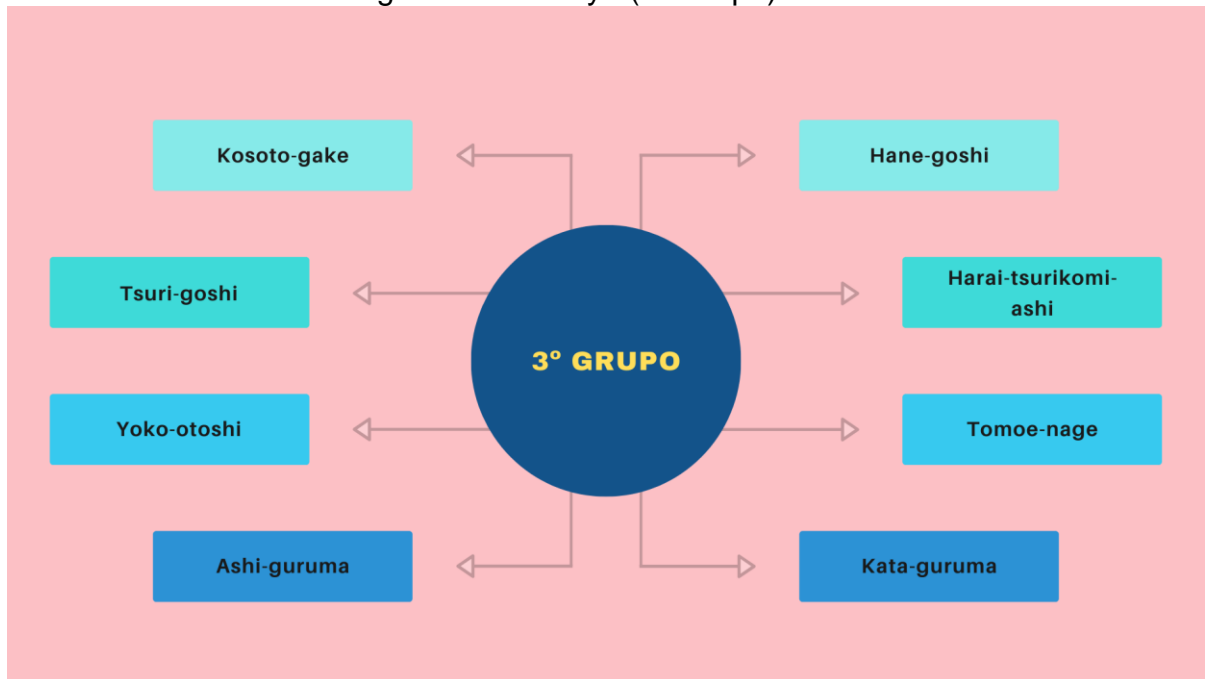
Figura 21 - Nikyo (2º Grupo)



Fonte: Elaborado pelo autor

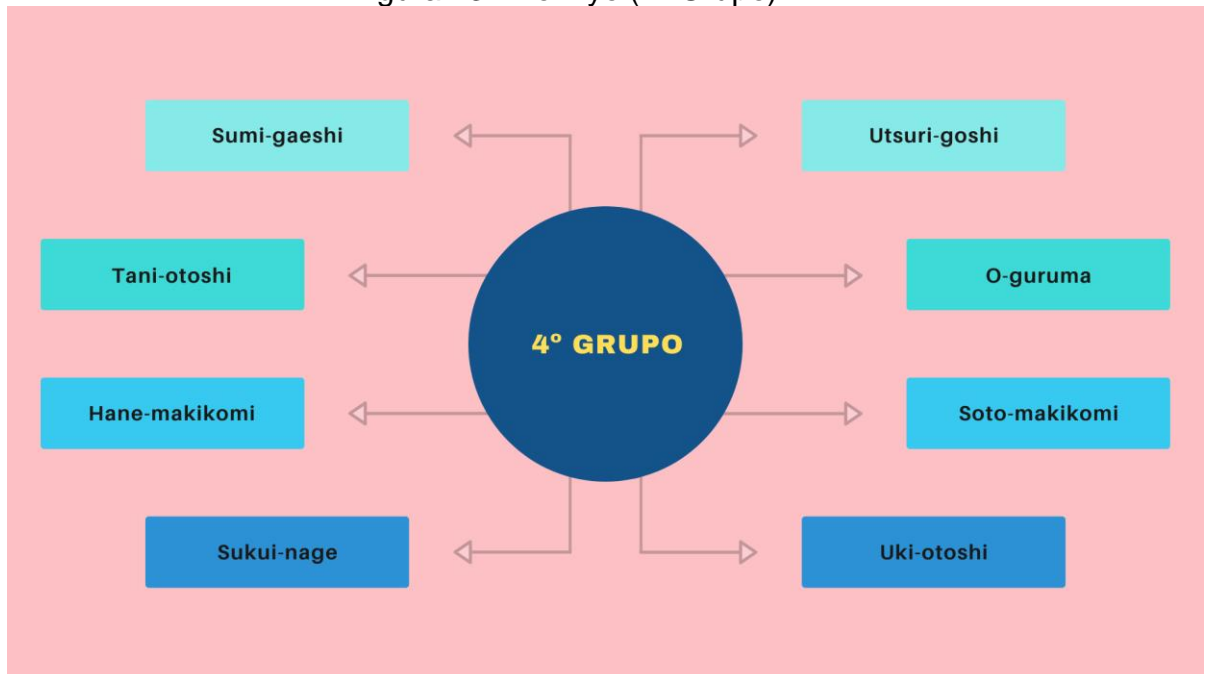
⁴ Uma dessas técnicas, *Tsubame-Gaeshi* (Reversão da Andorinha), foi batizada em homenagem à técnica homônima criada por Kojiro Sasaki, maior oponente de Musashi Miyamoto, o espadachim mais famoso do Japão.

Figura 22 - Sankyo (3º Grupo)



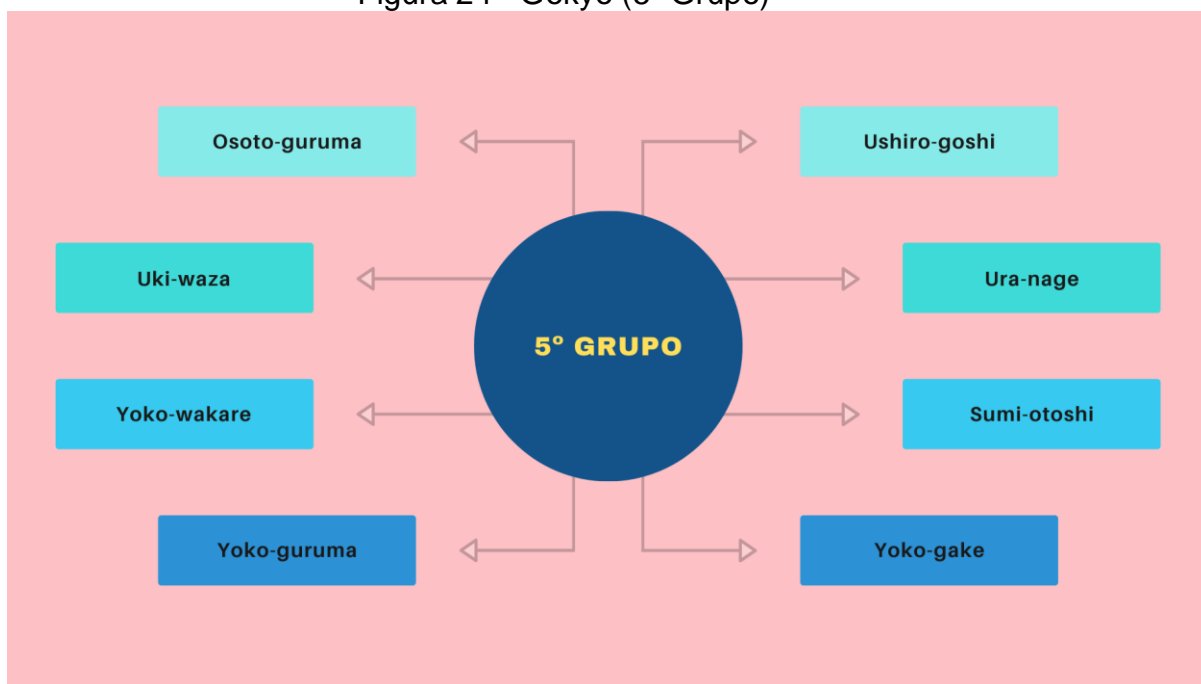
Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 23 - Yonkyo (4º Grupo)



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 24 - Gokyo (5º Grupo)



Fonte: Elaborado pelo autor

4.2 - As maneiras de ensinar

A ascensão da *Kodokan* durante a era Meiji deve-se ao cuidado para criar uma pedagogia adequada para o ensino do Judô. Para poder treinar o corpo, a mente e a moral, Jigoro Kano implantou dois tipos de treinamento: o *Kata* e o *Randori*, com outros métodos surgindo a partir deles. Aqui iremos separá-los em métodos sem oposição e com oposição, explicando como funcionam.

4.2.1 - Os métodos sem oposição

Objetivando a compreensão do funcionamento e a mecânica das técnicas, Kano estabeleceu os *Katas* (Forma), que consistem em movimentos preestabelecidos que incluem *Atemi-waza* (única instância onde são utilizados) e *Nage-waza*. O judoca que aplica as técnicas é denominado *Tori*, já o que recebe a técnica é chamado de *Uke* (KANO, 2017). Takahashi (2005) elenca alguns pontos positivos da utilização de *Katas*, como o aprendizado dos princípios das técnicas e o motivo de funcionarem, a experimentação de uma forma diferente de performance através da demonstração e a combinação de um foco técnico com um mental. Contudo, ele destaca que a natureza da prática, um ambiente controlado com

padrões pré-definidos, é vista como muito distante da realidade dinâmica e imprevisível das lutas, mas ainda mantém a opinião de que é um método válido de treinamento. Ele acrescenta que muitos judocas começam a prática do *Kata* somente após suas carreiras competitivas acabarem, mas ressalta que há competições de *Kata*, com o vencedor sendo aquele que demonstrar a sequência com maior precisão.

Há atualmente sete *Katas* ensinados na *Kodokan*, englobados no *Randori no Kata* (Formas de Exercício Livre). Conforme Kano (2017), eles são:

- *Nage no Kata* (Formas de Arremesso)
- *Katame no Kata* (Formas de Agarramento)
- *Kime no Kata* (Formas de Decisão)
- *Kodokan Goshin Jutsu* (Formas de Autodefesa *Kodokan*)
- *Ju no Kata* (Formas de Gentileza)
- *Itsutsu no Kata* (As Cinco Formas)
- *Koshiki no Kata* (Formas Antigas)

Outros tipos de treino são o *Uchi-komi* (treino de entrada de golpe) e o *Nage-komi* (treino de arremesso). Neles, o *Uke* não oferece resistência alguma, permanecendo estático e permitindo que o *Tori* realize a entrada do golpe, isto é, parando antes do *Kake*, e a projeção, respectivamente. Há também o *Yakusoku-renshu* (exercício combinado), no qual *Tori* e *Uke* combinam quais técnicas, e movimentação serão feitas, podendo estabelecer situações específicas para a realização de golpes. Na ausência de um parceiro, é possível praticar o *Tandoku-renshu* (exercícios individuais). Similar ao *shadowboxing*⁵, o judoca treina golpes no ar, imaginando o *Uke*, podendo usar materiais como faixas e elásticos para simular a pegada no *Judogi*.

Os métodos sem oposição servem principalmente para chegar ao refinamento técnico, que, além de aumentar as chances do judoca na luta, diminui as chances de machucar o oponente com um golpe mal executado. São essenciais para judocas de

⁵ Tipo de exercício praticado por boxeadores, onde soca-se o ar como se estivesse lutando contra um oponente de verdade.

todos os níveis, desde o iniciante, tentando entender a lógica dos gestos, até o medalhista olímpico, ajustando detalhes de seu *tokui-waza* (técnica preferida).

4.2.2 - Os métodos com oposição

No âmago da prática do Judô está o combate. Dinâmico e imprevisível, ele exige que o judoca formule estratégias para superar o adversário, encontrando maneiras de atacar e de se defender. Findados os tempos de confrontos de vida ou morte da era *Sengoku*, Kano visionou uma prática centrada na vitória simbólica, representada pelo *ippon* (ponto perfeito), que serviu de base para as regras do Judô como esporte. Ao sofrer o *ippon*, caindo com as escápulas no tatame, sendo imobilizado por vinte segundos, ou sofrendo um estrangulamento/chave de articulação, o judoca experimenta uma “morte” simbólica, assim como os samurais nos campos de batalha do Japão feudal. Dessa forma, Kano preservou parte da história do *Ju-jutsu*, tão presente nas guerras que transcorreram durante a era dos samurais.

O principal método de ensino com oposição é o *Randori* (prática livre). Nele, dois judocas lutam ou em pé, visando projetar o rival com as escápulas no tatame com *Nage-waza*, ou no chão, tentando imobilizar, estrangular ou aplicar uma chave de articulação com *Katame-waza*, podendo haver transições da luta em pé para a luta no chão, conforme definição do *sensei* (professor). O *Randori* requer do praticante tomadas de decisões constantes, seja para atacar ou para defender, pois as ações do oponente são imprevisíveis, e agora ele oferece resistência, ao contrário do *Kata*. Por conter o elemento da competição, é um método bem motivador para os alunos, mas é necessário esclarecer que o objetivo do *Randori* não é “vencer” a qualquer custo, e sim aprimorar suas técnicas frente um oponente numa situação de luta.

Conforme dito anteriormente, essas estratégias pedagógicas provaram ser decisivas na popularidade e posterior difusão do Judô no Japão e no mundo, sendo usadas até hoje. Porém, uma questão permanece: com tantas formas de ensinar Judô, como avaliar o judoca? Para responder esse questionamento, antes devemos

conceituar o que é avaliação, não apenas de forma geral, mas no âmbito do esporte e, mais especificamente, do Judô.

5 A AVALIAÇÃO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

A avaliação, de maneira geral, pode ser entendida como uma atividade de caráter sistemático e contínuo que, integrada ao processo formativo, seja ele qual for, tem como finalidade

“proporcionar o máximo de informação para melhorar tal processo, reajustando seus objetivos, revisando criticamente planos e programas, métodos e recursos, e facilitando o máximo de ajuda e de orientação aos alunos.” (EVALUACIÓN, 1995, p.603, tradução do autor)

Dentro dessa perspectiva, pode-se pensar na avaliação como ferramenta educacional, e não como um fim em si mesma. Dito de outra forma, a avaliação não é o ponto final do processo de ensino e aprendizagem de algo, mas um meio de qualificar ainda mais essa caminhada, da qual fazem parte o professor e seus alunos, ou o mestre e seus aprendizes. Hoffmann (1971) confirma essa ideia quando afirma que o ato de avaliar, dentro do processo educativo, “é a reflexão transformada em ação”, ou seja, o ato de avaliar implica outras operações ou procedimentos derivados desse movimento específico realizado pelo professor/mestre, consoante ao objeto estudado, aos objetivos previstos no planejamento de ensino e, em especial, ao aluno.

Mas, de modo objetivo, o que significa “avaliar”? O dicionário etimológico da Língua Portuguesa, de Antônio Geraldo da Cunha (2012), traz a origem do termo: *a* + *valere*, do Latim, significando “atribuir valor” a alguma coisa. Essa noção ativa de, a partir da observação de algo, estabelecer um juízo de valor, obriga o espectador a sair de uma postura passiva para definir a sua percepção daquilo que foi visto. Como diz Luckesi (2014), é importante que não se confunda “avaliar” com “verificar”, posto que ambos os procedimentos desencadeiam resultados de natureza diferente.

“A dinâmica do ato de verificar encerra-se com a obtenção do dado ou informação que se busca, isto é, ‘vê-se’ ou ‘não se vê’ alguma coisa. E... pronto! Por si, a verificação não implica que o sujeito retire dela consequências novas e significativas.” (LUCKESI, 2014, p.40)

A diferença entre simplesmente “tomar pé” de uma situação e qualificar o que se comprovou está na finalidade com que se executa esses dois movimentos. É ir da

“foto” circunstancial de um momento específico da aprendizagem (para constatar o que está acontecendo) rumo a apreciações e juízos de valor com vistas a uma finalidade clara e específica: fazer com que a aprendizagem seja possível e efetiva.

“A avaliação, diferentemente da verificação, envolve um ato que ultrapassa a obtenção da configuração do objeto, exigindo decisão do que fazer *ante* ou *com* ele. A verificação ‘congela’ o objeto; a avaliação, por sua vez, direciona o objeto numa trilha dinâmica de ação” (LUCKESI, 2014, p.41).

O papel desempenhado pela avaliação no processo ensino-aprendizagem não estará restrito ao controle de rendimento dos alunos. Para além disso, servirá como diagnóstico, comprovando até que ponto os objetivos propostos foram alcançados e, a partir daí, possibilitará um cotejo entre o que se planejou e o que foi realmente conseguido. Pode ter caráter preditivo ou prognóstico, conjecturando possibilidades ou oportunidades para os atores dentro do processo, permitindo prescrever ou proscreever movimentos/ações/conduas com vistas à consecução de resultados positivos. Pode também servir de norteador, estabelecendo novas rotas ou percursos a serem trilhados na estrutura e no funcionamento do fazer pedagógico, a partir de *feedbacks* obtidos com as informações colhidas e analisadas durante a avaliação.

Luckesi (2014), a respeito das funções que a avaliação pode assumir na aprendizagem, especificamente, refere:

- a) (...) propiciar a autocompreensão, tanto do educador quanto do educando;
- b) (...) motivar o crescimento (...) a partir do reconhecimento de onde está [do caminho já percorrido] e pelas possibilidades;
- c) (...) aprofundar a aprendizagem [através das múltiplas possibilidades de práticas em distintos contextos de uso];
- d) (...) auxiliar a aprendizagem [estando atento às necessidades inerentes ao processo e às relativas de todos os que nela atuam].(LUCKESI, 2014, p.41)

A avaliação, desse modo, pode recair sobre todos os elementos que concorrem para a efetivação da aprendizagem: desde o propósito da mesma, passando pelo planejamento, recursos, estratégias, tempo, espaço, condições dos atores, até chegar nos resultados obtidos ao longo do percurso ou ao final dele. Nada escapa à avaliação, nem mesmo a avaliação feita! Tudo pode ser observado,

analisado, comparado, descrito, mensurado, qualificado, reorganizado, eliminado, acrescentado, retomado, aprofundado, esclarecido, reforçado ou redesenhado, bastando para isso, além da disposição para tanto, a “presença” constante em todos os momentos da caminhada.

Hoffmann (1971) chama a atenção para as perspectivas assumidas pela avaliação formativa. Segundo ela, em claro antagonismo, a visão liberal contrasta frontalmente com a visão libertadora, interferindo diretamente no *modus operandi* do avaliador frente ao que está analisando:

Figura 25 - Avaliação Liberal X Avaliação Libertadora - quadro comparativo elaborado pelo autor.

AVALIAÇÃO	
VISÃO LIBERAL	VISÃO LIBERTADORA
AÇÃO INDIVIDUAL E COMPETITIVA	AÇÃO CONSENSUAL
CONCEPÇÃO CLASSIFICATÓRIA, SENTENCIADA	CONCEPÇÃO INVESTIGATIVA, REFLEXIVA
INTENÇÃO DE REPRODUÇÃO DAS CLASSES SOCIAIS	PROPOSIÇÃO DE CONSCIENTIZAÇÃO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS
POSTURA DISCIPLINADORA DO PROFESSOR	POSTURA COOPERATIVA ENTRE OS ELEMENTOS DA AÇÃO EDUCATIVA
PRIVILÉGIO À MEMORIZAÇÃO	PRIVILÉGIO À COMPREENSÃO
EXIGÊNCIA BUROCRÁTICA PERIÓDICA	CONSCIÊNCIA CRÍTICA E RESPONSÁVEL DE TODOS SOBRE O COTIDIANO

Fonte: HOFFMANN (1971, p.92)

O ponto de vista do avaliador jamais será neutro, como se pode depreender pelo quadro comparativo acima. A óptica manifestada durante essa tarefa estará a serviço de uma visão de mundo e refém das expectativas de todos os envolvidos de alguma forma nesse processo. O horizonte ideal criado pelo avaliador, pelo avaliado (no caso do aluno) e pelo entorno social do qual fazem parte será um balizador de peso na hora de ponderar sobre as melhores decisões ou alternativas pertinentes à qualificação do ensino e da aprendizagem.

“Para reconstituir as normas de excelência, os níveis de exigência e os procedimentos de avaliação, deve-se, portanto, não somente identificar as regras e a doutrina não-escrita da organização escolar, mas levar em conta a grande

diversidade das concepções e das práticas. (...) a excelência e o êxito não são únicos; sua definição varia de um estabelecimento, de uma turma, de um ano a outro no âmbito do mesmo plano de estudos. Essa diversidade, amplamente desconhecida, porque pouco legítima, não impede que um julgamento de excelência criado por uma única pessoa, de maneira discricionária, seja enunciado em nome da instituição e adquira, então, força de lei (PERRENOUD, 1999, p. 31).

Se por um lado, como afirma Perrenoud (1999), a avaliação tradicional, “cedo ou tarde”, cria “hierarquias de excelência” e privilegia “um modo de estar em aula e no mundo”, por outro, a avaliação formativa - de caráter contínuo e regulada pelo professor para ajustar as condições de aprendizagem de acordo com o nível de assimilação do ensino recebido pelo aluno -, ainda que não estabeleça um ordenamento, busca uma mudança de estado a partir dos resultados alcançados com o processo de ensino-aprendizagem: a qualificação do processo em si e dos que dele participam ou se beneficiam, direta ou indiretamente.

“ O desenvolvimento e a aprendizagem dependem de múltiplos fatores frequentemente entrelaçados. Toda avaliação que contribua para otimizar, por pouco que seja, um ou vários dentre esses fatores pode ser considerada formativa.” (PERRENOUD, 1999, 105)

Concluindo, acredita-se que a avaliação dentro do processo de ensino-aprendizagem deva ser praticada de modo habitual, em diferentes momentos da caminhada, de modo a buscar a qualidade dos resultados alcançados, sem que se perca de vista a comunhão entre o que foi planejado, o que foi ensinado, o que está sendo solicitado que o aluno faça (com vistas à avaliação) e aquilo que ele consegue demonstrar. Somente assim ela, a avaliação, como afirma Luckesi (2014, p.42), estará cumprindo o seu objetivo final, que é “uma tomada de decisão que direcione o aprendizado e, conseqüentemente, o desenvolvimento do educando”.

5.1 A avaliação no esporte

A Pedagogia do Esporte, conforme descrita por Paes (2009), é o campo de conhecimento que investiga a prática educativa nessa área do conhecimento. O autor acrescenta ainda que tal área se acha balizada por dois referenciais: o técnico-tático e o socioeducativo. Já Machado, Galatti e Paes (2014) defendem a inserção

de um referencial histórico-cultural também, com todos os marcos teóricos servindo para uma formação global do aluno. O referencial técnico-tático diz respeito aos fundamentos técnicos e táticos da prática esportiva e tem como questões norteadoras “o que ensinar?”, “quando ensinar?” e “como ensinar?” (PAES, 2009; MACHADO; GALATTI; PAES, 2014) . O referencial socioeducativo lida com valores morais e princípios éticos, tentando contribuir para a formação de um aluno mais crítico, correto, autônomo e responsável (PAES, 2009). Por último, o referencial histórico-cultural trabalha com questões como a história da modalidade, suas regras, personalidades marcantes e sua pluralidade cultural (MACHADO; GALATTI; PAES, 2014; LEONARDI *et al.*, 2017).

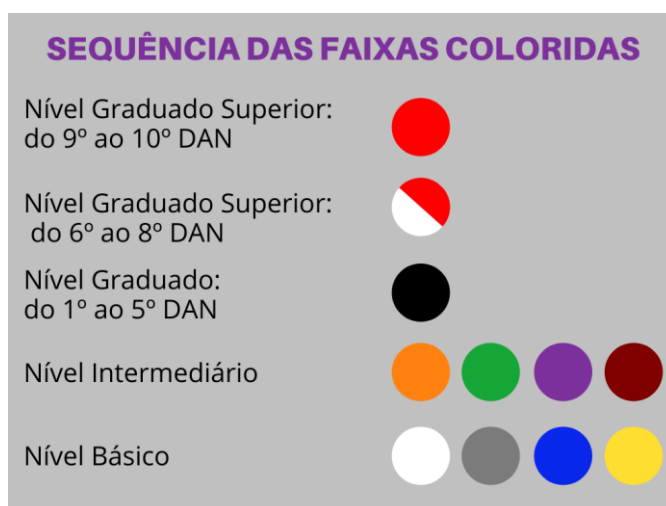
O modo como se ensina o esporte é um dos objetos de estudo da Pedagogia do Esporte. Para o ensino de Jogos Esportivos Coletivos (JEC), Paes (2009) destaca dois princípios metodológicos importantes: o analítico-sintético, que ensina os fundamentos da modalidade via repetições de exercícios separados do contexto do jogo, isto é, aprende-se primeiro os fundamentos para aí, então, jogar; e o global-funcional, que visa aprimorar as ações técnicas, táticas, físicas e psicológicas através de práticas semelhantes ao jogo formal. Esses princípios lembram bastante o *Kata* e o *Randori*, respectivamente.

Leonardi *et al.* (2017) colocam que estudos sobre a discussão, proposta e validação de instrumentos de avaliação dentro do âmbito da Pedagogia do Esporte são escassos. Embora existam diversos instrumentos de avaliação, especialmente de JEC, como o *Game Performance Assessment Instrument* (GPAI) e o *Team Sport Assessment Procedure* (TSAP), é preciso olhar além da execução técnica, visto que ela está inserida num contexto de jogo tão importante quanto a própria realização do gesto. Os autores sinalizam a necessidade de instrumentos autênticos à realidade prática e que contemplem os referenciais técnico-tático, socioeducativo e histórico-cultural. Para que o nível do aluno possa ser analisado adequadamente, é necessário que a avaliação seja coerente com o que acontece no jogo e que esteja necessariamente relacionada com os objetivos educacionais. Uma avaliação coerente é essencial para (re)ajustar o planejamento do processo de ensino/treinamento.

5.2 Avaliação no Judô

Uma parte importante do processo de avaliação no Judô é a faixa. Além de ser usada para amarrar o *Judogi*, ela indica a proficiência do judoca. Os praticantes são divididos em *kyus* (níveis), contados de modo decrescente a partir do décimo primeiro até o primeiro, e em *dans* (graus), contados de maneira crescente do primeiro até o décimo, atribuídos para iniciantes e avançados, respectivamente. Inicialmente, os detentores de *kyus* utilizavam faixas brancas até o *sankyû* (terceiro nível). A partir daí, até o *ikkyû* (primeiro nível), os jovens usavam faixas roxas e adultos, marrons, com os *dans* usando faixas pretas (KANO, 2017). Sendo assim, o judoca é classificado como *mudansha* (aquele não possui grau) ou *yudansha* (o que possui grau). Esse sistema foi expandido na década de 1920, com a criação, na Inglaterra, de faixas coloridas para representar os *kyus*, sendo depois introduzidos na França por um judoca chamado Mikinosuke Kawaishi (IJF, 2021). As faixas coloridas são utilizadas hoje no mundo todo por serem uma maneira prática de visualizar em que nível está o aluno, com países tendo ordens de cores diferentes. A sequência de faixas usada no Brasil, conforme a Comissão Nacional de Graus (2019), é:

Figura 26 - Sequência das faixas no Brasil - quadro elaborado pelo autor



Fonte: COMISSÃO NACIONAL DE GRAUS (2019)

Cada faixa possui conteúdos específicos que devem ser dominados antes de avançar para a próxima. Essa progressão ocorre com a realização do exame de faixa, uma avaliação de caráter técnico-teórico em que o aluno aplica técnicas num *Uke* e demonstra seu conhecimento de aspectos históricos e culturais da prática. Tal

avaliação é cumulativa, e o judoca deve demonstrar os conhecimentos da faixa para qual irá avançar e os das faixas anteriores. A maneira como o exame é ministrado e os conteúdos nele cobrados ficam a critério do *sensei*, mas se convencionou utilizar o *gokyo* como referência para a parte técnica. Exames *dangai* (da faixa branca até a marrom) ficam sob o encargo do *sensei* do local onde o aluno treina. Professores que possuem o primeiro grau da faixa preta (*shodan*) podem promover o aluno até a faixa verde, já os que possuem do segundo grau (*nidan*) em diante podem promover até a faixa marrom. Exames para a faixa preta e graus superiores até o quinto *dan* são feitos pelas federações locais, com os exames para os graus superiores (*kodanshas*) sendo realizados pela CBJ através de uma comissão de graus (COMISSÃO NACIONAL DE GRAUS, 2019).

Para cada faixa, há um período mínimo de permanência, geralmente de 12 meses. Assim como os conteúdos do exame, o *sensei* também estabelece seus critérios de reprovação e de repetição. Caso ocorra a reprovação, normalmente uma nova oportunidade de repetição do exame ocorre logo em seguida. O dia do exame é uma ocasião especial para os alunos, que aguardam ansiosamente a chance de dar mais um passo rumo à tão ambicionada faixa preta, símbolo de dedicação ao “Caminho gentil”.

6 REFLEXÕES SOBRE O JUDÔ

O Judô entrou para o programa olímpico nos Jogos de Tóquio, em 1964. Desde então, passou a ser reconhecido como uma modalidade esportiva de combate. Vários judocas consagraram-se como lendas dos tatames por seus feitos em campeonatos mundiais ou Jogos Olímpicos, como o japonês Tadahiro Nomura, bicampeão mundial e tricampeão olímpico consecutivo, e o francês Teddy Riner, bicampeão olímpico e decacampeão mundial. Graças ao surgimento de figuras como essas, pessoas de todas as idades começam sua jornada pelo “Caminho gentil”, mesmo que não disputem no mais alto nível do esporte. Porém, como com qualquer esporte, cabem reflexões sobre o ensino e a avaliação dessa modalidade.

Nos primórdios da *Kodokan*, Jigoro Kano enfatizava o *Randori* como método de ensino, com o *Kata* sendo compreendido naturalmente durante o combate, comparando isso a “ensinar redação sem usar um livro de gramática, ou ensinar os fundamentos da gramática enquanto ensina a escrever um ensaio” (KANO, 2018, p. 24). Em outras palavras, a técnica era aprendida e desenvolvida dentro do contexto do combate, similar ao que Paes (2009) fala do princípio global-funcional no ensino do basquetebol. Quando o número de alunos iniciantes aumentou, o *Kata* passou a ser utilizado com maior frequência (KANO, 2018). Assim como o *Randori* se assemelha ao princípio global funcional, o *Kata* tem muito a ver com o princípio analítico-sintético, conforme descrito por Paes (2009), pois implica treinar a técnica fora do contexto da luta, separando-a da tática, já que tal método envolve a realização de movimentos pré-estabelecidos, sendo uma “coreografia de luta”. Os outros métodos que não supõem oposição, *Uchi-komi*, *Nage-komi* e *Tandoku-renshu*, envolvem a repetição de técnicas num contexto livre de antagonismo, com um parceiro estático no caso dos dois primeiros métodos, ou sem um colega, no caso do último. Isso facilita a correção e aperfeiçoamento do gesto técnico, por observá-lo num ambiente previsível, assim como permite ao aluno executar as técnicas com sucesso, o que pode não ocorrer na luta tão facilmente. Tanto o *Randori* como o *Kata* (e métodos que compartilham de sua lógica) são válidos para o ensino/treinamento do Judô, porém não é aconselhável utilizar apenas um em detrimento do outro (KANO, 2018). Assim como o *Yin* e *Yang* do Taoísmo, *Kata* e *Randori* podem ser contrastantes, mas são ao mesmo tempo complementares.

Kano considerava *Randori* e *Kata* como formas de treinamento mental, mas entendia o primeiro como mais eficiente para isso. O que ele chamava de treinamento mental poderia muito bem ser denominado de treinamento tático. No *Randori*, disse que “nunca se sabe que técnica o oponente irá usar em seguida, então o praticante fica o tempo todo em guarda” (KANO, 2017, p.27), explicitando a imprevisibilidade presente na luta. Ele ainda diz que praticantes “... aprendem a analisar, a tomar decisões rápidas e a agir imediatamente...” (KANO, 2017, p.27). Por ser dinâmica e imprevisível, a luta exige tomadas de decisões constantes e rápidas para lidar com as situações-problema que surgem, o que Jigoro Kano chamou de *jukuryo danko* (ação decisiva após cuidadosa deliberação) (KANO, 2018). Durante o *Randori*, técnica e tática desenvolvem-se simultaneamente, o que Paes (2009) classificou como elemento do princípio global-funcional. Como Jigoro Kano bem colocou, “praticar o “*Randori* é investigar relações complexas, mentais e físicas, que existem entre os lutadores” (KANO, 2017, p.27).

A implementação de faixas como indicador do nível do aluno foi algo inédito no ensino de práticas de combate, sendo também adotado por artes marciais como o Aikidô e o Karatê. O sistema de faixas estabelece uma hierarquia dentro do dojô: o faixa preta é o mestre, estando acima dos alunos que estão usando faixas coloridas. Dentre os usuários de faixas coloridas, o marrom está acima do roxo, que está acima do verde, e assim por diante. Espera-se que aqueles hierarquicamente abaixo de uma faixa demonstrem respeito para aqueles que estão acima, que, por sua vez, devem servir de exemplo para quem está abaixo, similar à relação *senpai-kouhai* (veterano e novato, respectivamente) existente no Japão. Como as faixas indicam o nível do judoca, essa hierarquia pode ser entendida como uma de “excelência”, como descrita por Perrenoud (1999). Devido à presença dessa hierarquia, várias crianças são inscritas em aulas de Judô como forma de ensiná-las sobre respeito e disciplina (TRUSZ, 2018). Embora, de fato, sejam valores presentes em práticas de origem japonesa, herança do *bushido* seguido pelos samurais (TRUSZ, 2018), se não houver intencionalidade do professor em transmitir tais valores, os alunos dificilmente irão internalizá-los.

A principal avaliação presente no Judô, como foi dito acima, é o exame de faixa. Geralmente feita no final do período de treinos, ela motiva bastante os alunos, especialmente os mais novos, pois oferece um indicador claro do progresso rumo à excelência, simbolizada pela faixa preta, corroborando o que disse Luckesi (2014) sobre as funções da avaliação. Visto que o Judô é um esporte, cabe uma análise mais cuidadosa sobre a presença dos referenciais balizadores da Pedagogia do Esporte, defendidos por Machado, Galatti e Paes (2014), no ensino e processo avaliativo dessa prática.

O referencial histórico-cultural é muito presente no ensino/treinamento do Judô. Como sinal de respeito, judocas realizam uma reverência ao tatame, curvando-se para frente, antes de entrar ou sair do dojô (KANO, 2017). Eles repetem o gesto, saudando um retrato de Jigoro Kano e depois, o *sensei*. Quando a saudação é feita em pé, ela é denominada *ritsurei*, quando é realizada na posição de *seiza* (sentado sobre os joelhos), é chamada de *zarei*. Ao começar a aula, os alunos alinham-se com base na cor da faixa, do mais graduado até o menos graduado. O *sensei* dá o comando de *kiotsuke* (atenção), diz *shomen ni* (virar para a frente do dojô, onde geralmente fica o retrato de Kano), seguido do comando *rei* (cumprimentem), momento em que tanto o professor quanto os alunos realizam a saudação. Logo após, é dado o comando *sensei ni* (virar para onde está o professor) e é feita outra saudação. Também se cumprimenta o colega antes e depois do *Randori* e em competições. Tais rituais são ensinados desde o primeiro dia de aula e exigidos de todos, independentemente da graduação. Como é possível notar, há a utilização constante de expressões em japonês, mantida como forma de preservar as raízes da prática. Alguns outros termos comuns são *hajime* (começar), *matte* (esperar) e *sorimade* (acabou ou terminou). Além de precisarem familiarizar-se com a terminologia, os alunos necessitam também aprender coisas relevantes da história do Judô, como quem foi o criador, em que ano foi criado, onde foi criado, e sua inclusão nos Jogos Olímpicos. Esses elementos todos são considerados conteúdos do exame de faixa, segundo a Comissão Nacional de Graus (2019).

O referencial socioeducativo é enfatizado, principalmente, na iniciação, mesmo que não seja feito de maneira explícita. As saudações, como dito acima, são para demonstrar respeito. Durante a prática de *Nage-komi* e *Randori*, é preciso ser

cuidadoso ao projetar o colega para não machucá-lo, bem como no treino de *shime-waza* e *kansetsu-waza*. Não usar força demasiada para arremessar o *uke* ou continuar uma técnica de estrangulamento ou chave de articulação além do que o colega pode aguentar envolve autocontrole, o que Jigoro Kano chamou de *tomaru tokoro o shite* (saber quando parar) (KANO, 2018). Um outro valor que ele considera importante desenvolver é a resiliência. Ele dá o exemplo de Shiro Saigo⁶, que era constantemente arremessado durante os treinos, até que criou maneiras de esquivar e revidar. Como bem disse: “para desenvolver a força para um dia vencer, você precisa se contentar em perder por algum tempo” (KANO, 2018, p.114). Para realizar o exame de faixa, o judoca deve, conforme diz a Comissão Nacional de Graus (2019), respeitar os princípios éticos e morais do Judô, marcando a presença do referencial socioeducativo no processo avaliativo.

No ensino/treinamento do Judô, há grande ênfase no ensino de técnicas, sejam *Ukemis*, *Nage-waza* ou *Katame-waza*. O processo de aprendizagem técnica traz um desafio, de acordo com Takahashi (2005): estabelecer uma ponte entre a internalização da técnica e o uso prático desse conhecimento num contexto competitivo. Para avançar do “saber fazer” até o “saber utilizar numa luta”, Takahashi (2005) elenca seis etapas de treinamento:

1. aprendizagem técnica: Aprender os movimentos, ações e posicionamento corporal de uma técnica específica;
2. repetições (*Uchi-komi*): Repetições focadas no gesto técnico ideal, progredindo para o *Uchi-komi* em movimento, desenvolvendo o senso de *timing* e o *kuzushi*;
3. repetições em contexto dinâmico: Execuções repetidas da técnica num ambiente dinâmico com resistência pré-determinada (*Yakusoku-renshu*), visando desenvolver *timing*, *kuzushi* e movimentação;
4. *nage-komi*: Executar o arremesso por inteiro;
5. uso no *Randori*: Treino de luta, podendo haver variações na resistência ofertada pelo colega;
6. uso em competições (*Shiai*): Utilizar a técnica na luta formal.

⁶ Um dos primeiros alunos de Jigoro Kano, mestre da técnica *Yama-arashi* (Tempestade da Montanha).

Como se pode perceber, o processo de ensino parte naturalmente das situações sem oposição para as com oposição. Tradicionalmente, o *sensei* é a figura central desse processo, demonstrando uma versão “ideal” da técnica para os alunos, que a repetem até conseguirem reproduzi-la na mesma qualidade, lembrando a visão liberal de ensino sobre a qual se refere Hoffmann (1971).

Apesar de as faixas indicarem o nível técnico do judoca, vale dizer que praticantes de mesma faixa terão, inevitavelmente, níveis diferentes de habilidade na luta. No exame de faixa, o aluno precisa demonstrar técnicas, aplicando-as em um *Uke*, que não oferece resistência alguma, por vezes até auxiliando o *Tori*. Por não haver o elemento de oposição, o exame de faixa replica a lógica do *Kata*, com a reprodução de técnicas num ambiente previsível e sem oposição, isolando o elemento técnico do tático, o que não reflete a realidade do Judô-esporte, onde há oposição. O judoca pode muito bem executar as técnicas durante o exame e ser aprovado, mas isso não significa que ele saiba aplicá-las durante a luta. Isso não quer dizer que o exame de faixa está errado ou que o sistema de faixas não funciona, mas, conforme apontou Leonardi *et al.* (2017), a avaliação tem que ser coerente com o que acontece no jogo, que, no caso do Judô, é a luta. Os dois elementos que compõem o processo de ensino/aprendizagem do Judô, *Kata* e *Randori*, deveriam ser contemplados no processo avaliativo, idealmente. Da forma como é feito hoje, o exame contempla mais a parte do *Kata* e os métodos que compartilham da mesma lógica. Para uma avaliação poder, de fato, incluir o referencial técnico-tático, seria interessante que ela analisasse tanto a prática sem oposição como a com oposição.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As artes marciais estão enraizadas na cultura japonesa, desde o tempo mitológico, com o surgimento do Sumô na costa de Inasa (PATE, 2013), até o período histórico, com a utilização do *Ju-jutsu* pelos samurais nas inúmeras batalhas da era *Sengoku* (SANTOS, 2011). Terminada a batalha de Sekigahara, maior confronto da era *Sengoku*, Ieyasu Tokugawa tornou-se xogum, e o Japão ficou duzentos anos isolado do resto do mundo (SANTOS, 2011). Com a Restauração Meiji, o Japão começou a modernizar-se. Os samurais foram perdendo relevância e status na sociedade nipônica, mas o *Ju-jutsu* sobreviveu, praticado por algumas poucas pessoas.

Determinado a defender-se de colegas que o atormentavam por causa de seu porte físico franzino, um jovem rapaz chamado Jigoro Kano decidiu procurar professores de *Ju-jutsu* para ensiná-lo a como lidar com oponentes maiores e mais fortes (WATSON, 2008). Os métodos de treinamento eram insuficientemente claros para Jigoro, que se sentia confuso com a falta de explicações sobre o funcionamento das técnicas. Com sua mente criativa, juntou as técnicas aprendidas dos estilos *Tenjin Shinyo* e *Kito* que seguissem o princípio da utilização da menor quantidade possível de energia mental e física de modo eficiente (KANO, 2017). O resultado foi a criação do Judô, no templo budista de *Eishoji*, que logo se difundiu no Japão e no mundo, chegando ao Brasil através de imigrantes japoneses (NUNES; RUBIO, 2012).

O ensino do Judô envolve o aprendizado de diferentes tipos de técnicas, feito através de distintos métodos de ensino. Tradicionalmente, inicia-se com o ensino de *Ukemi*, progredindo para as *Nage-waza*, somente após o aluno demonstrar bom domínio do fundamento anterior (TAKAHASHI, 2005), com o ensino das *Katame-waza* também. Jigoro Kano criou dois métodos de ensino: o *Kata*, sem oposição, que consiste de séries de movimentos pré-estabelecidos - feitos para que o aluno internalize como os golpes funcionam -, e o *Randori*, com oposição, em que o judoca luta com um colega, tentando projetá-lo com as escápulas no tatame (*ippon*) (KANO, 2017). Outros métodos surgiram com a mesma lógica do *Kata*, como o *Uchi-komi*, o *Nage-komi*, o *Yakusoku-renshu* e o *Tandoku-renshu* (TAKAHASHI, 2005).

A avaliação, num contexto geral, serve para qualificar mais o processo de ensino, não sendo um fim em si mesma (HOFFMANN, 1971). Através dela, é possível ajustar o planejamento de ensino, vendo o que o aluno aprendeu e o que pode melhorar. Na Pedagogia do Esporte, o processo de ensino e sua avaliação devem estar balizados em três referenciais teóricos: histórico-cultural, socioeducativo e técnico-tático (MACHADO; GALATTI; PAES, 2014), com a avaliação tendo que ser coerente com o que ocorre no jogo (LEONARDI et al, 2017). No Judô, os praticantes são divididos por faixas de cores diferentes, que sinalizam seu nível de habilidade (TAKAHASHI, 2005). Para avançar uma etapa, devem prestar o exame de faixa, que consiste na demonstração de técnicas num *Uke* e de conhecimentos sobre a história e cultura da prática (COMISSÃO NACIONAL DE GRAUS, 2019)

Os métodos de ensino do Judô possuem muitos elementos em comum aos princípios analítico-sintético e global-funcional utilizados nos JEC. Elementos socioeducativos, histórico-culturais e técnico-táticos estão presentes no ensino e na avaliação do Judô, mas o exame de faixa segue muito mais a lógica do *Kata*, o que foge da realidade do Judô-esporte, mais próxima do *Randori*. Sendo assim, a avaliação do Judô, dentro de uma perspectiva formativa, deveria supor a análise tanto do *Randori* quanto do *Kata* ao mesmo tempo, posto que ambos constituem o Judô na sua integralidade. Portanto, conclui-se que seja interessante a elaboração de instrumentos de avaliação complementares ao exame de faixa, de modo a contemplar o referencial técnico-tático, em especial, mantendo a autenticidade do que ocorre na aula/treino com o que ocorre na luta.

REFERÊNCIAS

CMAC - JUDO. **Yoko-Guruma**. Disponível em: <<http://cmac-judo.com/gokyo-no-waza/nage-waza-throwing-yechniku/dai-gokyo---brown-lvl-3/yoko-guruma.html>>. Acesso em: 07 out. 2021.

COMISSÃO NACIONAL DE GRAUS. **Regulamento para exame e outorga de faixas e graus**, 2019. Disponível em: https://cbj.com.br/painel/arquivos/documentos_oficiais/arquivo_cbj_180653281019.pdf. Acesso em: 14 out. 2021.

CEREZO, Sergio Sánchez. **Diccionario de las ciencias de la educación**. Ed. rev. y act. en un volumen. Madrid: Santillana, 1988.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação, mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. São Paulo: Mediação, 1971.

INTERNATIONAL JUDO FEDERATION. **The Belt: Myth and Reality of an Essential Symbol**. Disponível em: <<https://www.ijf.org/history/judo-culture/2250>>. Acesso em: 13 out. 2021.

INTERNATIONAL JUDO FEDERATION. **Jigoro Kano aos 11 anos**. Disponível em <<https://www.ijf.org/history/from-martial-art-to-olympic-sport>>. Acesso em 01 out. 2021.

INTERNATIONAL JUDO FEDERATION. **Jigoro Judô, ou o “caminho gentil” – Kanji**. Disponível em <<https://www.ijf.org/history/judo-what-is-it-all-about>>. Acesso em 02 out. 2021.

INTERNATIONAL JUDO FEDERATION. **Jigoro Entrada do templo Eishoji, primeira sede da Kodokan**. Disponível em: <<https://www.ijf.org/history/from-martial-art-to-olympic-sport>>. Acesso em: 01 out. 2021.

INTERNATIONAL JUDO FEDERATION. **Jigoro Judogi**. Disponível em: <<https://www.ijf.org/news/show/judogi-much-more-than-armour>>. Acesso em: 01 out. 2021.

INTERNATIONAL JUDO FEDERATION. **Jigoro Preceitos do Judô**. Disponível em <<https://www.ijf.org/history/judo-what-is-it-all-about>>. Acesso em: 03 out. 2021.

JUDO MODO DE USAR. **Uki-Otoshi**. Disponível em <<https://judomododeusar.wordpress.com/2011/12/27/uki-otoshi>>. Acesso em: 07 out. 2021.

JUDO MODO DE USAR. **Tomoe-Nage**. Disponível em: <<https://judomododeusar.wordpress.com/?s=tomoe+nage>>. Acesso em: 07 out. 2021.

JUDO MODO DE USAR. **Kesa-Gatame**. Disponível em: <<https://judomododeusar.wordpress.com/?s=kesa-gatame>>. Acesso em: 07 out. 2021.

JUDO MODO DE USAR. **Hadaka-Jime**. Disponível em: <<https://judomododeusar.files.wordpress.com/2012/01/hadaka-jime.png>>. Acesso em: 08 out. 2021.

JUDO MODO DE USAR. **Ude-Hishigi-Waki-Gatame**. Disponível em: <<https://judomododeusar.wordpress.com/?s=ude-hishigi-waki-gatame>>. Acesso em 08 out. 2021.

JUDO MODO DE USAR. **Harai-Goshi**. Disponível em: <<https://judomododeusar.wordpress.com/2011/12/10/harai-goshi/>>. Acesso em: 07 out. 2021.

KANO, Jigoro. **Energia mental e física**: escritos do fundador do judô. 6. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. 128 p.

KANO, Jigoro. **Judô Kodokan**. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2017. 271 p.

LEONARDI, Thiago José; GALATTI, Larissa Rafaela; SCAGLIA, Alcides José; MARCO, Ademir de; PAES, Roberto Rodrigues. PEDAGOGIA DO ESPORTE: sinalização para a avaliação formativa da aprendizagem. **Pensar A Prática**, [S.L.], v. 20, n. 1, p. 216-229, 31 mar. 2017. Universidade Federal de Goiás

LUCKESI, C.C. **Avaliação da aprendizagem escolar**: sendas percorridas. 1992. 560 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, Puc-Sp, São Paulo, 1992.

LUCKESI, C.C. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 22ed. São Paulo: Cortez, 2014.

MACHADO, Gisele Viola; GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte e o referencial histórico-cultural: interlocução entre teoria e prática. In: **Pensar A Prática**, [S.L.], v. 17, n. 2, p. 414-430, 30 jun. 2014. Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/rpp.v17i2.24459>>. Acesso em 19 out. 2021.

MORIMIYA. **Samurai do período sengoku**. Disponível em <<http://morimiya.net/online/ukiyoe-big-files/M154.html>> Acesso em 01 out. 2021.

NUNES, Alexandre Velly; RUBIO, Kátia. **As origens do judô brasileiro**: a árvore genealógica dos medalhistas olímpicos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, p.667-678, out. 2012.

O JUDOCA. **Kata Guruma**. Disponível em <<https://ojudoca.com.br/2020/06/19/kata-guruma-historia-descricao-detalhes/>>. Acesso em 03 out. 2021.

PAES, R. R.; MONTAGNER, P. C., FERREIRA, H. B. **Pedagogia do esporte**: iniciação e treinamento em basquetebol. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

PATE, Alan Scott. **Ningyo**: the art of the japanese doll. United States Of America: Tuttle Publishing, 2013. 288 p.

PERRENOUD, P. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SANTOS, Alexandre Fontoura dos. **A contribuição do confucionismo para as inter-relações doutrinárias presentes no pensamento japonês durante a formação do Período Edo (Séc. XVII)**. 2011. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SEMENTES DO FUTURO. **Técnicas de amortecimento de queda (Ukemi-waza)**. Disponível em: <<http://sementesdofuturodojudo.blogspot.com/p/uke.html>>. Acesso em: 06 out. 2021.

TAKAHASHI, Masao. **Mastering Judo**. Estados Unidos da América: Human Kinetics, 2005. 214 p.

TRUSZ, Rodrigo Augusto. **A relação entre a prática de judô e o desenvolvimento de comportamentos socialmente competentes na infância**: a experiência dos professores do Projeto Bugre Lucena da ESEFID/UFRGS. 2018. 98 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

WATSON, Brian N.. **Judo Memoirs of Jigoro Kano**. Estados Unidos da América: Trafford Publishing, 2008. 218 p.

WILKINSON, Philip; PHILIP, Neil. **Mitologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009. 352 p.

WIKIPÉDIA. **Mitsuyo Maeda**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mitsuyo_Maeda>. Acesso em: 03 out. 2021.

WIKIPÉDIA. **Soishiro Satake**. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Soshihiro_Satake>. Acesso em: 29 set. 2021.

WIKIPÉDIA. **O-Soto-Gari**. Disponível em: <<https://images.app.goo.gl/EgxzkoGDERactNhx6>>. Acesso em 06 out. 2021